



Rev. Bras. de Hipnose 2015; 26(1): 2-8

ISSN 1516-232X

Associação Brasileira de Hipnose - ASBH

*Revista
Brasileira de
Hipnose*

www.revistabrasileiradehipnose.org.br

Inclusão de Nina Rodrigues na História da Hipnose no Brasil – um ensaio *Including Nina Rodrigues in Hypnosis History in Brazil - an essay*

Arquimedes Viegas Vale

*Associação Brasileira de Hipnose, Brasil
Academia Bras. de Médicos Escritores, Rio de Janeiro, Brasil
Sociedade de Médicos Escritores do Maranhão, SOBRAMES, Brasil*

Resumo.

Raymundo NINA RODRIGUES nasceu no interior do Maranhão em 1862 em uma fazenda, e cresceu em meio a escravos, o que lhe despertou interesse profundo e multifacial pelo estudo da raça. Médico formado no Rio de Janeiro em 1888, volta para São Luís-MA e depois transfere-se para Salvador-BA onde desempenha a maior parte do seu trabalho. Considerado pai da antropologia brasileira, desenvolve estudos físicos e fisiológicos em negros. Na sua observação dos cultos africanos e afro-brasileiros, detalha uma mistura de dogmas e rituais religiosos, inclusive muçulmano, criando uma manifestação própria recheada de possessões, danças, sons e movimentos incoerentes, em um estado mental que transcende à consciência. Como médico, interpreta o transe como um desdobramento da personalidade ou como um delírio hipnótico. Fez experiências com o paciente hipnotizado, fazendo tratamento e cura em vez de feitiçaria. Com finalidades experimentais, hipnotiza, em seu próprio consultório. Como psiquiatra, trabalhou na Penitenciária do Estado da Bahia, estudou a personalidade dos delinquentes e utilizou a hipnose para esclarecer detalhes, mal esclarecidos em certos delitos.

Palavras-chave: Nina Rodrigues, história da hipnose, Brasil, psiquiatria.

Abstract.

Raymundo NINA RODRIGUES was born on a farm in the state of Maranhão, Brazil, in 1862, and he grew up in the midst of slaves, which aroused his deep and multifaceted interest in the study of race. Physician graduated in Rio de Janeiro in 1888, he returns to São Luís-MA and then moved to Salvador, Bahia, where he performed most of his work. Considered the father of Brazilian anthropology, he develops physical and physiological studies in black. In his observation of African and African-Brazilian religions and, he details a mixture of dogmas and religious rituals, including Muslim, creating a stuffed own manifestation of possessions, dances, sounds and incoherent movements in a mental state that transcends consciousness. As a doctor, he interprets the trance as a split personality or as a hypnotic delusion. He experimented with the hypnotized patient, making treatment and cure instead of witchcraft. With experimental purposes, hypnotize, in his own office. As psychiatrist, he worked in the Penitentiary of the State of Bahia, studied the personality of offenders and used hypnosis to clarify details, poorly clarified in certain crimes.

Keywords: Nina Rodrigues, hypnosis history, Brazil.

1. Introdução

A marca que a humanidade vai deixando pra trás na sua passagem pelo tempo orienta e demarca o caminho e os passos que se escondem

no futuro. A história, no seu coletivo de acervos tem nos alimentado com preciosas informações que, por vezes, nos ajudam a sanar

injustiças quando encontramos tesouros empoeirados sobre páginas ou verbos.

A história da hipnose no Brasil sempre foi muito clara, muito documentada, muito exposta e conhecida, com os seus ícones monumentais, começando com Francisco Fajardo. No entanto, com muito orgulho, expomos-lhes hoje um maranhense, que nas suas múltiplas tarefas de cientista colocou a hipnose como uma ferramenta nos seus estudos e no seu trabalho, porém nunca foi colocado entre as pedras basilares da construção memorialista do hipnotismo brasileiro.^{1,2}

Trata-se do médico **Raymundo Nina Rodrigues**, que foi um dos maiores sábios da sua época, sendo até hoje um dos cientistas brasileiros mais presente em estudos acadêmicos e ensaios críticos, pela diversidade de suas atividades que, embora ultrapassassem fechados campos intelectuais, permaneciam interligadas por suas fronteiras, fechando um círculo em torno do objeto mais importante do universo: - o **homem**, tanto no seu aspecto biológico como psicofisiológico.

Neste artigo, fazemos um breve relato sobre a vida e feitos deste brasileiro notável, procurando destacar a sua contribuição e importância na história da hipnose no Brasil, visando a sua inclusão nesta.

2. As diversas faces de Nina Rodrigues

Nina Rodrigues foi o fundador da Antropologia brasileira, inclusive a criminal. Foi o primeiro etnógrafo citado pela nossa história. Professor de Medicina, Médico Legista que sistematizou e introduziu a Medicina Legal na Universidade Brasileira e organizou a Perícia Médico-Legal no serviço público. Médico Psiquiatra com expansão incursionista à Psicologia e ao Direito. Pelo visto, o seu desbravamento científico, agindo em várias frentes, iluminando a ciência com evolução, atraiu seguidores em seu apoio, advindo uma Escola de Pensamento de Vanguarda distinguindo-o como o mais reconhecido dos sábios brasileiros

da sua época, com um rastro luminoso que teima em se espalhar pelos tempos.³

Talvez um pouco esquecido, em sua própria terra, onde se nos lembra, com acanhada justiça, o nome de um município, de um Hospital Psiquiátrico e uma rua na capital que o mesmo sol que floresce os casarões esconde-lhe a toponímia.⁴

De origem familiar com mescla genética europeia, nasceu na zona rural da cidade de Vargem Grande, Maranhão, na fazenda São Roque, no dia 04 de dezembro de 1862. Era filho do fazendeiro Coronel Francisco Solano Rodrigues e de Dona Luiza Rosa Nina Rodrigues, que nos seus domínios mantinham cerca de sessenta escravos. A sua mãe seria descendente de uma das cinco famílias de judeus sefarditas que chegaram ao Maranhão fugidas das perseguições político religiosas na Península Ibérica. Isto justifica o fato de ser moreno de cabelos encaracolados, como esses ancestrais, pelo que, muitos o dizem erroneamente que era mulato. O menino, nesse meio, foi cuidado por uma escrava, a Madrinha Mulata, que lhe transmitiu conhecimentos históricos sobre aqueles cativos trazidos a força da África.^{1,5}

Foi para São Luís aos dez anos de idade e passou a estudar no Seminário das Mercês, em cuja vizinhança havia um mercado de escravos, hoje o Museu do Negro ou Cafua das Mercês, onde Nina Rodrigues passava boa parte das suas folgas em observação ao comportamento dos negros. Aos quinze anos começou o curso preparatório no Colégio São Paulo do Professor José Ribeiro do Amaral. Entre 1879 e 1881 fez os exames de suficiência que lhe sinalizavam o fim do curso médio. Em fevereiro de 1882 embarcou, no porto de São Luís, no paquete “Bahia” rumo a Salvador, onde se hospedou em uma pensão e recebeu a atenção de um seu parente materno, o Tenente Médico do Exército Dr. Francisco Joaquim Ferreira Nina, que lhe forneceu o atestado de saúde ao qual juntou a certidão de batistério e os certificados dos exames gerais, para requerer, e conseguir, no dia 10 de março de 1882, matrícula na Faculdade de Medicina da Bahia.^{1,2,6}

Durante as férias ele voltava à casa paterna e convivia com a população do interior e da capital. O que é dado como certo, porém sem comprovação, é que em um desses períodos contraiu um problema de saúde, também não especificado, para o qual foi recomendado tratamento com médicos do Rio de Janeiro, à época, Capital Federal. Transferiu-se para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro onde fez o terceiro e o quarto anos. Voltou a Salvador para cursar o quinto ano, mas no ano seguinte, 1887, voltou para o Rio de Janeiro para fazer o sexto ano e formou-se médico com a tese “Das Amiotrofias de Origem Periférica” defendida em 10 de fevereiro de 1888.⁶

Voltou para São Luís onde pretendia radicar-se e clinicar. Estabeleceu-se em um consultório num sobrado de azulejos na Rua do Sol nº17. Este sobrado hoje tem o número 95 e fica em frente ao Teatro Artur Azevedo. A Rua do Sol passou a chamar-se Nina Rodrigues, desde o ano da sua morte. Recente-mente instalado e de pouca clientela dedicou-se a estudar a hanseníase, que tinha uma prevalência considerável, pois já o fazia desde 1886, quando publicou, ainda como estudante, o trabalho “A morfeia em Anajatuba”. Passou também, à análise do regime alimentar do maranhense, cuja base era a farinha de mandioca. Cite-se que havia também grande ocorrência de Beribéri. Em seguida publicou, em artigos, os resultados do seu estudo no jornal maranhense “A Pacotilha”, em junho e julho de 1888.^{6,7}

Nessas publicações Nina Rodrigues denuncia a agricultura de então praticada que, segundo suas palavras, “tinha transformando-a em um pacto, criando uma necessidade econômica de produtos altamente condenados pela ciência e de consequências desastrosas imediatamente para a saúde e mais de espaço para o progresso do país, pelo influxo deprimente que exercem sobre o vigor físico de seus habitantes, em virtude da insuficiência dos seus princípios alimentares”. Chama a farinha de mandioca “um produto alimentício falazmente insuficiente” e defende a sua substituição por um cereal mais rico. Ciente das dificuldades a enfrentar, diz: “Pretender combater um erro que é já um legado

de três séculos, a que se vincularam grandes interesses econômicos é, decerto, tarefa árdua” e continua com uma pro-fissão de fé: “Mas a Medicina não estaria na altura da sua missão e mentiria ao seu objetivo se, antepondo-se estas considerações, problemas vitais de saúde pública e progresso social se deixasse sucumbir, desconhecendo que a propaganda da verdade acaba sempre por con-vencer”. Neste seu estudo Nina Rodrigues mostra a falta de nutrientes da mandioca para ser usada como alimento exclusivo e sugere a substituição pelo trigo ou composto de man-dioca com feijão ou fava, e preparados de mi-lho.^{3,7}

Contrariando suas boas intenções, a dedicação científica ecoou como uma ameaça para alguns colegas que se abasteciam pela preferência dos abastados, e (permitam-me um trocadilho) faziam apenas o “feijão com arroz” na prática médica. Passaram a hostilizá-lo e com tentativa de diminuí-lo até à humilhação, apelidaram-no de Dr. Farinha Seca. A este respeito, no dia 1º de agosto de 1888 Nina Rodrigues publicou em “A Pacotilha” um artigo onde dizia: “grande mágoa que me havia causado o procedimento injusto, desleal e pouco digno do colega que em porta de botica procurava, em termos que não comentarei, chamar o ridículo sobre mim e à minha interessante propaganda”.³

Foram quase dois anos em São Luís, vivendo as dificuldades de compreensão e a impossibilidade de pesquisar pela inexistência de uma consciência acadêmica na medicina local, então resolve voltar para Salvador onde fixa residência e se instala como Médico Clínico e inicia uma profícua carreira intelectual, escrevendo, em 17 anos, cerca de oitenta trabalhos científicos, entre livros e artigos, no Brasil e no exterior, sobre temas que abrangem diversas especialidades médicas, principalmente a Medicina Legal além de Antropologia, Direito, Psicologia e Sociologia.^{6,7}

Em 1889 prestou concurso e foi aprovado para a 2ª Cadeira de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da Bahia e tornou-se Adjunto onde o Titular era o Conselheiro José Luiz de Almeida Couto, que viria a tornar-se seu sogro.

Em 1891 foi transferido para a Cadeira de Medicina Legal como Professor Substituto do Catedrático Virgílio Damásio, eleito o primeiro Governador Republicano do então novo Estado da Bahia e logo depois Senador. Tor-nou-se titular da cadeira em 1895.¹⁰

Professor e pesquisador desenvolveu seus estudos em Fisiologia, Doenças Tropicais e em Medicina Legal que tinha como um dos seus suportes científicos a Antropologia Física da época. Suas análises médico-legais, etnográficas e psicossociais caminharam juntas com a luta pelo monopólio do saber e da prática médica e pelo incremento da especialização no campo da Medicina Legal, que entre outros efeitos resultou no fortalecimento da perícia médica. Vislumbrou na Medicina Legal uma ciência extensa e a sistematizou para ser uma especialidade médica. Preconizou as bases dos exames médicos periciais orientando as exigências: 1 – Especialização técnica dos médicos peritos. 2 – Reforma do ensino médico-legal. 3 – Criação de gabinetes médico-legais nos Estados. Por tudo isto e muito mais na sua extensa folha de prestação de vida à ciência é considerado o pai da Medicina Legal.^{2,9-11}

Seu grande interesse pela Antropologia e Etnografia estava plantado em seu cerne desde a sua infância. Na Bahia, esta semente caiu em solo fértil e em seu impulso pesquisador iniciou seus estudos sobre os povos africanos e afro-brasileiros. Os limites que o separavam dos seus objetivos eram bastante frágeis e então os seus colegas de Congregação da Faculdade não entendiam as suas incursões inusitadas pelos candomblés de Salvador, cujos terreiros costumava visitar a cavalo, à noite, lembrando-se que estes, geralmente, eram mantidos em locais de acesso difícil, para evitar perseguições, e invariavelmente mal iluminados. Mas, de lá Nina Rodrigues trazia a substância combustível da sua mente inquieta em busca do esclarecimento do diferencial do comportamento entre raças humanas. Carregava o carma do apelido e por esse seu interesse os seus colegas baianos, maldosamente, o chamavam de “Negreiro”.^{8,9}

Dentre os seus livros, nessa temática do negro, destacam-se pela profundidade da abordagem “O Animismo Fetichista dos Negros Bahianos” e “Os Africanos no Brasil”. O primeiro, publicado no Rio de Janeiro em 1896 e depois traduzido para o francês em 1900, é o livro fundador da etnografia do estudo das religiões afro-brasileiras cujo modelo de estudo foi estabelecido por Nina Rodrigues, pai e fundador desta área, entre nós. Animismo fetichista é a expressão, hoje preconceituosa, pela qual no século XIX eram conhecidas as religiões dos chamados povos primitivos.^{11,12}

O outro, “Os Africanos no Brasil” é um livro póstumo. Não, não foi psicografado. Estava pronto para ser impresso, em 1906 quando Nina Rodrigues viajou para a Europa e lá faleceu. Este livro só foi publicado trinta anos depois.¹²

Na sua observação dos cultos africanos e afro-brasileiros, detalha uma mistura de dogmas e rituais religiosos, inclusive muçulmanos, criando uma manifestação própria recheada de possessões, danças, sons e movimentos incoerentes em um estado mental que transcende a consciência. Como médico, interpreta o transe como um desdobramento da personalidade ou como um delírio hipnótico. Fez experiências com o paciente hipnotizado, fazendo tratamento e cura. Com finalidades experimentais, hipnotiza, em seu próprio consultório, com consentimento prévio, uma moça chamada Fausta que conheceu no candomblé. Ele consegue através da hipnose levá-la mentalmente ao ambiente do terreiro. “Ela cai em estado de santo e assim descreve:” “Chamei-a pelo nome: Fausta e perguntei-lhe o que tinha. Respondeu-me que não era Fausta e sim Oubatalá, que Fausta era apenas o seu cavalo. O estado em que se achava e o modo de falar eram tudo a cópia fiel do estado de santo da mãe de terreiro onde eu a tinha conhecido”.⁹⁻¹²

Outro fato muito interessante, anotado por Nina Rodrigues quando era médico Psiquiatra da Penitenciária do Estado da Bahia, é o de José d’Araujo. O jovem foi condenado aos nove anos de idade por assassinar o pai, permanecendo na casa de correção até os dezessete anos quando então foi recluso na aludida penitenciária.

Estudou a personalidade do delinquente que descrevia indiferente o crime “sem revelar o menor sentimento de pesar”, que um inimigo do seu pai lhe havia oferecido uma recompensa de quarenta réis para que cometesse o parricídio. O assassinato ocorreu na choupana onde a vítima vivia com a família e foi atingido por tiros de espingarda, à noite, enquanto dormia. José d’Araujo apre-sentou versões diferentes sobre as causas do assassinato. Com alguma dificuldade, Nina Rodrigues consegue hipnotizar o jovem recluso, já com dezoito anos, que revela em transe hipnótico “a circunstância de ter ele, na ausência do pai, cortado um pé de mandioca, o que foi visto por um tio que lhe havia prometido, que assim que o pai chegasse, haveria de lhe comunicar o fato para que ele fosse castigado”. Com o objetivo de evitar o castigo ele matou o pai. Obteve, também em transe hipnótico, a confissão dos seus hábitos pederastas, que ele teimava em negar.¹⁰⁻¹³

Este episódio revela Nina Rodrigues usando a hipnose no esclarecimento de um fato criminoso, com documentação eficiente, tornando-o pioneiro na Hipnose Forense no Brasil. Submete muitos outros pacientes ao procedimento, porém este é o mais destacado.¹⁴

Nos seus ensaios “A abasia coreiforme epidêmica no Norte do Brasil” de 1890 e “A loucura epidêmica de Canudos: Antonio Conselheiro e os jagunços” de 1897, enfeixados na antologia “As coletividades anormais”, Nina Rodrigues aborda a psicologia das massas e, corajosamente, contrapõe-se com críticas aos autores fundadores deste campo, tais como Scipio Sighele e Gustave Le Bon. A sua divergência assenta-se pelo fato de haverem dado valorização à influência que a loucura teria no funcionamento das multidões. Procura demonstrar isso relatando suas pesquisas em seus casos, baseando-se nos trabalhos de Charcot sobre a natureza histórica das manifestações coletivas de loucura e nos de contágio mental de Lasègne e Falpet. Estes estudos expressam a sua percepção aguda, de como crenças poderosas – no caso sugestões multifatoriais – podem atuar sobre um terreno

fértil de populações vulneráveis ao contágio imitativo.¹⁵

No citado Abasia Coreiforme, o autor diz em certo ponto: “É a histeria que, operando em meio favoravelmente predisposto, se irradia e espalha com o auxílio eficaz da imitação em torno de um foco acidental em que muitas circunstâncias inteiramente fortuitas congregaram e reuniram alguns casos isolados de qualquer das manifestações mais insólitas da grande nevrose”. Em outro trecho: “Estes fatos e deduções que a Escola de Salpêtrière tornou de conhecimento vulgar, tão verdadeiros, das epidemias circunscritas nos Estados Unidos e em Ardèche no sul da França”. Continua relatando que epidemia coreiforme no Brasil foi primeiramente notificada em São Luis do Maranhão e depois em Salvador onde foi chamada de “moléstia de Itapagipe”. Ainda no seu ensaio diz textualmente: “Não era eu ainda médico, quando os presenciei; mas o espetáculo estranho que oferecia por aquela época a pequena cidade de São Luis, com as ruas diariamente percorridas por grande número de mulheres, principalmente, amparadas por duas pessoas e em um andar rítmico, interrompido a cada passo de saltos repetidos, genuflexões e movimentos desordenados”.

Ainda citando a Escola de Salpêtrière diz: “Já vimos – escreve Paul Richer – a influência que exercem na etiologia da histeria maior as emoções vivas, que em certos casos bastam para determinar a forma dos principais acidentes. O que é, pois, para admirar que a excitação religiosa tenha provocado em certos períodos de exaltação esses efeitos sobre o sistema nervoso, que em última análise dão nascimento à grande histeria”. Em todos os casos as manifestações são benignas e todo transitórias. Só que eram entendidos pela propedêutica da época como Coréia verdadeira ou béri-béri.^{7,15}

No pensamento de Nina Rodrigues, há um tópico muito friável porque do lado que se toca sai sangue. É em relação às diferenças cognitivas entre as raças levando o negro à desvantagem, no contexto social da época. Este contexto, alimentado pela Igreja, via incapacidades intelectivas no negro e seus descendentes, por

uma questão atávica. Porém, para entender o posicionamento de Nina Rodrigues, considere-se sua situação de premido pelo conhecimento social e comportamento vigente à época, baseado nos extratos populacionais, desde a sua infância, o que formara na sua consciência uma programação nesse sentido, acompanhando um sistema coletivo de aquiescência e passividade. A estagnação intelectual do negro, pela sua situação de escravo, adviria da inatividade e inexistência de aprendizado. A população cativa vivia apenas para o trabalho e procriação, com a obrigação de produzir riquezas para os seus proprietários. Havia uma polaridade entre o poder e a opressão numa situação continuada e, pensavam, perpétua. Não havia o lúdico nem os exercícios da mente, sendo então, impossível, fazer um julgamento da capacidade intelectual onde esse parâmetro era zero. Sabe-se que o aprendizado aprimora os sentidos e suporta o pensamento complexo.¹⁵

Então, numa situação após a abolição de uma escravatura que durou quase 400 anos, em que o negro recém liberto estava jogado no mundo capitalista, sem qualquer política pública específica para abrangê-lo; disputando, sem condições, postos de trabalho com os imigrantes; mais propensos ao cometimento de delitos contra o patrimônio, precisava de amparo e proteção da lei no parâmetro que lhe fosse adequado, subtraindo as suas desvantagens. Então, Nina Rodrigues adotou a teoria da mitigação da responsabilidade penal para essa gente. Defendia a reforma do Direito Penal, posto que, esse ordenamento jurídico criminal não dava um tratamento diferenciado a crimes e penas em função dos fatores raciológicos. Argumentava que a pena deveria ser abrandada para a população racialmente inferior, negros, índios e, em grau menor, mestiços. Os fatores biológicos e mesológicos isentariam o indivíduo criminoso da acusação de dolo, porque o mesmo não parecia ter a mesma consciência jurídica adquirida por quem pertencesse a povos mais evoluídos como os da civilização europeia. Por estas ideias, Nina Rodrigues foi fortemente combatido por Tobias Barreto.⁹⁻¹⁴

Trazemos o assunto para nossos dias quando as camadas sociais mais privilegiadas são mais agraciadas pelas leis, com cumprimento de pena em local confortável e desfrute de bons defensores. Quando deveria haver inversão deste *status* devido ser o indivíduo das classes mais favorecidas mais capaz de assimilação e entendimento das leis.

Apoiamos o epíteto de maior pensador social do Brasil no século XIX para Nina Rodrigues e o trazemos até o século XXI expondo a sua teoria das leis, pois estava aplicando o mesmo raciocínio que hoje é usado para a proposição de cotas nas Universidades e nos empregos. Aqui eu coloco uma diferença nas situações porque não vivemos mais a polaridade opressora legalizada.

No início do século XX Nina Rodrigues vive a láurea da sua inteligência, quando no dia 5 de abril de 1906 a Congregação da sua Faculdade o escolhe para participar como delegado ao IV Congresso Internacional de Assistência Pública e Privada, que se realizaria em Milão, na Itália, entre 23 e 27 de maio daquele ano. Partiu para a Europa com a esposa, Maria Amélia Couto Nina Rodrigues e a filha de doze anos Alice Nina Rodrigues e chegou a Lisboa em 17 de maio e ficaram hospedados no Hotel de Inglaterra. Chegou doente e enfraquecido pela viagem. Partiu para Paris onde morreu às 7 horas de 17 de julho de 1906 em seu quarto de hotel.¹⁵

Referências

1. Vale AV. Incluindo nina rodrigues na história da hipnose do brasil. XI Cong. Bras. de Hipnologia. Campos de Jordão-SP, 2013. p.10. <http://docplayer.com.br/9918477-Xi-congresso-brasileiro-de-hipnologia.html>
2. Maio, MC. A Medicina de Nina Rodrigues: Análise de uma trajetória científica. Cad. Saúde Pública 1995; 11: 226-237.
3. Corrêa M. Antropologia e Medicina legal. In Caminhos Cruzados. São Paulo: Brasiliense, 1982.
4. Piccinini WP. História da Psiquiatria – Nina Rodrigues - 1862-1906. Psychiatry on line Brasil 2003; 8(7).
5. Prova Material. Revista Científica do Departamento de Polícia Técnica da Secretaria de Segurança Pública da Bahia. Especial Nina Rodrigues, Ano 3, Salvador, Bahia, 2006

6. Duarte Z, Coelho T, Silva A, Farias L, Souza V, Almeida J, Araújo A, Castro L, Carvalho A. Raimundo Nina Rodrigues: Resgate da memória na documentação arquivística da Faculdade de Medicina da Bahia. *Gaz. Méd. Bahia* 2006; 76: S35-S41.
7. Jacobina RR, Carvalho FM. Nina Rodrigues epidemiologista: estudo histórico de surtos de beribéri em um asilo para doentes mentais na Bahia, 1897-1904. *História, Ciências e Saúde (Manguinhos)* 2001; 8(1).
8. Miziara ID, Miziara CSMG, Muñoz D. A institucionalização da Medicina Legal no Brasil. *Saúde, Ética & Justiça*. 2012; 17(2):66-74.
9. Rodrigues RN. *Os Africanos no Brasil* [online]. SciELO Books. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.
10. Silva JT. Nina Rodrigues: Civilizado, Brasileiro e Médico - Rituais científicos e práticas intelectuais entre 1980 e 1906. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História, ANPUH*. São Paulo, Julho 2011.
11. Rodrigues RN. *O animismo fetichista dos negros bahianos*. Rio de Janeiro: UFRJ/ Biblioteca Nacional 2006.
12. Serafim VF, Andrade SR. A construção de categorias para as religiões africanas: um olhar sobre os escritos de Raimundo Nina Rodrigues. *Revista Cesumar. Ciências Humanas e Sociais Aplicadas* 2008; 13(2): 247-256.
13. Almeida AAS, Oda AMGR, Dalgarrondo P. O olhar dos psiquiatras brasileiros sobre os fenômenos de transe e possessão. *Revista Brasileira de Psiquiatria Clínica*. 2007; 34:34-41.
14. Lima L, Nina Rodrigues e a História da Psiquiatria na Bahia. *Gazeta Médica da Bahia* 2008; 78(1): 76-80.
15. Rodrigues RN. *As coletividades anormais*. Brasília: Edições do Senado Federal. 2006; 76.